



Cinema e Literatura: Experiências que Começam nas Páginas e Continuam nas Telas.¹

Bárbara MULLER²

Matheus ORDAKOWSKI³

Bendito Diélcio MOREIRA⁴

Universidade Federal de Mato Grosso

RESUMO

A popularização do cinema nos apresenta um novo meio de contar e vivenciar histórias. Fazendo uso de imagens, sons e movimentos, esta plataforma é capaz de seduzir indivíduos, letrados ou não. Devido a isso, ocorreu um rompimento dos tradicionais métodos enraizados pela literatura, e houve quem acreditasse que esta nova mídia iria suprimir a antiga. Hoje, o cinema e a literatura, duas manifestações artísticas tão diferentes, exercem uma relação de complementação, que na maioria das vezes é sinônimo de sucesso. O presente trabalho busca discutir um pouco sobre essa parceria, bem como trazer uma reflexão sobre o gênero literário *best-seller*, do qual originam-se a maioria das adaptações cinematográficas.

PALAVRAS-CHAVE: *best-seller*; cinema; adaptação; literatura.

Introdução

O livro é um dos meios mais antigos e efetivos no que diz respeito ao armazenamento e propagação de informação. Por seu caráter tradicional e praticamente imutável, pois mantém até hoje as mesmas características de sua origem, é normal que o surgimento de outras plataformas que apresentem a mesma finalidade possa parecer ameaças. O cinema é, possivelmente, a mais injustiçada delas. Tendo surgido como fruto da revolução industrial e tecnológica, as telas que exibem filmes (obras cinematográficas) tiveram papel importante na construção cultural da sociedade contemporânea e são hoje tão populares quanto as obras literárias.

Buscamos neste artigo atender a dois contextos diferentes: por um lado, tentar contribuir para o preenchimento de uma lacuna nos estudos da linguagem no que diz respeito às práticas de adaptação de obras literárias para o cinema; por outro, propor,

¹ Trabalho apresentado no II- Estudos Interdisciplinares em Comunicação do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

² Estudante de Graduação em Comunicação Social - Jornalismo, UFMT, email: barbamuller5@hotmail.com.

³ Estudante de Graduação em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, UFMT, email: metheusordakowski@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da UFMT, email: dielciomoreira@yahoo.com.br



instigar e provocar futuras reflexões sobre tais práticas por indivíduos leitores e espectadores.

No que diz respeito às críticas sofridas pelo cinema, estas enfatizam comentários negativos de que as versões cinematográficas de livros são, fundamentalmente, traições aos seus originais literários; que não passam de interpretações ou releituras parciais ou mesmo superficiais feitas pelos diretores, frequentemente repletas de omissões ou simplificações de trechos ou personagens das obras literárias. Isto ocorre porque muitas pessoas não entendem completamente a significação do termo “adaptação” e não compreendem as nuances semióticas utilizadas pelas telas para passar as ideias dos livros. Há pelo menos dois problemas com este tipo de visão. O primeiro deles é o de que, uma vez pronto, o livro deixe de pertencer ao seu autor e passe a pertencer aos seus leitores; ou seja, ele é passível de gerar diferentes leituras e interpretações. O segundo, mais fundamental, decorre do fato de ser impossível converter uma obra literária, palavra por palavra, para uma plataforma completamente diferente como o cinema. Cinema e literatura pertencem a universos midiáticos diferentes, que utilizam elementos distintos para veicular suas mensagens: a palavra escrita, no caso da literatura, e a imagem em movimento, associada ao som, no caso do cinema. Portanto, adaptações literárias para o cinema devem, necessariamente, conter mudanças em relação às obras originais.

Ao trazer para este texto autores como João Cardoso (2011), Halime Musser (2010), Maria de Lurdes Oliveira (2006) e Silviano Santiago (1994), escolhemos construir um embasamento teórico que tem como objetivo principal o de discutir a relevância do cinema e das adaptações para o público consumidor e, como objetivo secundário, o de discutir a adaptação cinematográfica de obras literárias (best-sellers) como resultado de uma mudança cultural e inerente ao processo globalizador. Optamos por, primeiramente, caracterizar, de maneira breve, a literatura e o cinema como formas narrativas, ressaltando características e particularidades dos gêneros. Posteriormente, apresentamos a relação entre ambas e alguns apontamentos gerais sobre as teorias da adaptação. Em seguida, discutimos a criação e uso do gênero de livros chamado “*best-seller*”.

A página na tela

A forma como lemos e interpretamos textos não só mudou profundamente desde a revolução comunicacional e tecnológica como continua a mudar constantemente, afetando diretamente as nossas relações com outras pessoas, com o ambiente que nos cerca ou mesmo com o mundo. O cinema e a literatura são interpretações artísticas,



intrinsecamente relacionadas com a cultura global, por isso sofrem grande influência da demanda por conhecimento e entretenimento, suas principais propostas.

No presente artigo, para uma melhor definição e compreensão dos consumidores de cinema e de literatura, definiremos o indivíduo que pratica o ato de ler obras literárias por “leitor”, e àquele que cultiva o ato de assistir a obras cinematográficas chamaremos de “espectador”. Da mesma forma que o indivíduo leitor-espectador tem parte de sua subjetividade formulada pelas informações exibidas nos objetos de seu consumo, a mesma influência ocorre no caminho inverso. Quando a sociedade muda, as obras literárias e cinematográficas adaptam-se às mudanças para continuarem ocupando espaço na mente e nos desejos de consumo das pessoas.

Em uma sociedade cada vez mais voltada à cultura do audiovisual, é comum observarmos profetizações sobre o fim do interesse pelos livros e, até mesmo, a sua substituição pelos filmes. Esse tipo de julgamento se tornou ainda mais acentuado após a crescente quantidade de adaptações cinematográficas baseadas em obras literárias, mais frequentes nos últimos anos. Os fundamentalistas do assunto alegam que a capacidade de ensino de um livro é intransponível e não pode ser equiparada à de um filme; alegam também que, enquanto a literatura significa conhecimento e esclarecimento, o audiovisual, especialmente a televisão, é uma ferramenta alienadora e de qualidade informacional inferior.

Embora concordemos com o caráter educacional singular dos livros, é bem verdade que o cinema é capaz de transmitir sim conhecimentos, por vezes de forma mais ampla e tão eficaz quanto às palavras impressas. Mesmo que frutos relativamente recentes na história humana, os filmes levam milhões de pessoas ao cinema todos os anos e tem se tornado cada vez mais populares entre jovens e adultos, abrindo espaço para abrangentes possibilidades. Como diz Silviano Santiago:

Como toda criança que cresceu e se educou em qualquer cidade da América Latina durante a II Grande Guerra, desde cedo fui um consumidor da cultura de massa que então começava a nos chegar de maneira avassaladora dos Estados Unidos. [...] Aos olhos de crianças e adultos, a cultura de massa norte-americana se impunha de modo feérico através dos filmes, desenhos animados e seriados - e neles havia tanto roupa e estilo de comportamentos diferentes, quanto visão cosmopolita e simbólica da realidade; tanto a música popular de fala ininteligível e de ritmo sincopado, quanto a dança de passos mais ousados; tanto a dramatização de vivências cotidianas estrangeiras, quanto a versão "aliada" do grande conflito bélico mundial. Impunha-se ainda através das revistas em quadrinhos, onde imperavam os invencíveis super-heróis do Bem, ou através de revistas como



Seleções, onde Dale Carnegie ensinava como fazer amigos e influenciar pessoas no melhor estilo do "american way of life".

Todo esse material industrializado, importado principalmente dos Estados Unidos, se mesclava de maneira desequilibrada à incipiente produção cultural brasileira para crianças. Esta se apresentava sem o aparato tecnológico norte-americano e era comandada por Monteiro Lobato. O material importado se mesclava ainda, rechaçando para escanteio às formas interioranas e tradicionais de espetáculo, como o circo, o parque de diversões e as festas religiosas com suas barraquinhas, comes & bebes, danças e folguedos típicos. Numa cidade interiorana, como Formiga, onde nasci em 1936, o cinema informava o imaginário dos habitantes letrados e não letrados de comportamentos e situações estrangeiras e contemporâneas, comportamentos e situações a que, no passado, só tiveram acesso os intelectuais das grandes cidades, lendo livros e revistas, ou viajando pelo exterior (SANTIAGO, 1994).

Como podemos observar através da análise do autor, a cultura americana se sobrepôs à nacional por esta segunda ser carente de apoio, incentivo e, até mesmo, quantidade. Segundo este autor, o cinema foi uma ferramenta crucial para levar o conhecimento do modo de vida estrangeiro às comunidades interioranas no Brasil, o que antes só era permitido aos poucos que tinham privilégios para consumir bens culturais como livros e viagens. Isto evidencia que desde suas origens, os filmes transmitem conhecimentos e que qualquer parcela da população é apta a reconhecê-los.

A capacidade dos filmes em alcançar públicos antes não acessíveis pelas demais ferramentas da cultura de massa é evidente por seu caráter audiovisual que, quando bem produzido, é capaz de tornar histórias mais atrativas e conteúdos mais interessantes e assimilativos. Segundo Joel Cardoso “O ato de contar histórias, tão antigo quanto o próprio homem, é uma das nossas muitas formas de (auto) reconhecimento, sociabilidade, referencialidade e comunhão entre os nossos semelhantes” (CARDOSO, 2011). E o cinema não é outra coisa senão uma história contada em linguagem audiovisual.

Cardoso ainda diz que nossa necessidade imediata de comunicação, contida nas histórias que propagamos, é exteriorizada em formas espetaculares, extraordinárias, surreais, se tornando possibilidades de representação da realidade. Sendo assim, em nossas expressões na busca por afirmação, transpomos nossas necessidades de criar e fantasiar de diversas maneiras. Da mesma forma que buscamos singularidade em nossa forma de ser com relação ao restante do mundo, são nas semelhanças que nos sentimos amparados, seguros e, principalmente, nos identificamos. Ao assimilar uma história tomamos conhecimento do outro, seus anseios, inquietações, desejos e aspirações, nos



reconhecemos e nos damos a conhecer. Enquanto que a forma de contar histórias da literatura suscita palavras que evocam imagens, no cinema as imagens traduzem as palavras (CARDOSO, 2011).

O cinema não só transcende a literatura no aspecto sinestésico, ou seja, na soma das sensações oferecidas, como também já emprestou formas narrativas a ela. Uma delas é o chamado “ponto de vista”, no qual uma história é contada em diferentes perspectivas, de forma que pode ser analisada e reinterpretada em cada uma delas, e não somente por uma perspectiva única e linear. Embora essa técnica já tivesse aparecido em algumas obras literárias, foi no cinema onde foi mais bem explorada e ganhou novas possibilidades. Os flashbacks e montagens, elaborados através da manipulação da câmera e de seus efeitos, permitiram mudanças mais fluidas em relação ao ponto de vista. Essas mudanças no modo de elaborar os roteiros e contar as histórias foram imediatamente adotadas e adaptadas aos livros, onde, em sua plurissignificação, o olho humano funciona como câmera e esquadrinha o mundo (OLIVEIRAS, 2006).

É possível dizer então que o cinema tem o poder de transformar o discurso, neste caso a obra literária, em sensações além daquelas proporcionadas pelo ato da imaginação que se desenvolve no momento da leitura. Ao atribuir imagens, sons, movimento e luz, essa nova obra independente, desvinculada do texto de origem, ganha autonomia e novos sentidos. O indivíduo leitor torna-se então espectador e tem a oportunidade de comparar as impressões que desenvolveu ao longo de sua experiência com a obra literária. É possível compartilhar opiniões de outros indivíduos leitores-espectadores, suas surpresas e frustrações, que se tornam, então, fruto das adaptações e permitem que a história, transposta de uma plataforma à outra, continue a viver indeterminadamente na mente de seus consumidores.

Em outro momento, Joel Cardoso levanta uma discussão sobre a recepção da literatura:

Com a primazia do leitor no cenário da recepção, os textos colocam-se, concomitantemente, em um intermitente jogo intertextual. Tal jogo se estabelece não só entre o leitor e o texto que se tem em mãos, mas – e principalmente – entre o leitor e todo um repertório de textos de que dispõe esse mesmo leitor. É esse conhecimento prévio que, associado à mensagem veiculada, aliado aos recursos estéticos do texto que se recebe, que atribuímos sentido àquilo que lemos. Tanto o texto lido, quanto as associações motivadas no ato da leitura por outros textos [...] interferem na fruição, na apreensão, na interpretação e, obviamente, na formação de sentidos que atribuímos ao texto. Em outros termos, queremos dizer que o leitor, interferindo ativamente na construção de significados para a obra busca, no repertório cultural de



que dispõe associações com universos interiores e exteriores à obra em leitura (CARDOSO, 2011).

A literatura, sendo uma arte narrativa, cede suas histórias ao cinema, que em retribuição, confere a elas estímulos que a outra não pode oferecer isoladamente (cor, movimento, som). Sendo expressões artísticas, uma tradicional e outra relativamente recente, é natural que cinema e literatura disputem credibilidade artística, valor e importância.

É best-seller porque vende mais ou vende mais porque é best-seller?

Para uma obra literária ser adaptada para o cinema, muitos fatores são levados em conta, porém o que mais ganha notoriedade é a venda dos livros. Se o número de exemplares vendidos for alto, a chance de o filme arrecadar mais investimentos para ser produzido será maior, já que se espera que os leitores assistam ao filme quando este entrar em cartaz. Porém, a vendagem de livros não é o que caracteriza uma obra como *best-seller*. Para Halime Musser (2010), *best-seller* é um gênero literário que se originou do romance e hoje é visto como uma literatura de mercado. Dessa forma, um livro não é *best-seller* depois que ele foi lançado e fez sucesso, mas ele já é lançado como tal, sujeito tanto ao sucesso quanto ao fracasso. Embora a vendagem de livros seja comumente usada como o principal quesito para dizer se uma obra pertence ou não ao gênero, isto não é um critério fixo, já que em cada país existe uma “marca” a ser batida, ou seja, um número mínimo de exemplares para dizer que determinado livro é ou não um *best-seller*.

Observemos o que nos diz Henrique sobre o *best-seller*:

É correto afirmar que os livros best-sellers estão incluídos em um gênero literário que surgiu a partir do século XVIII, na Europa, e se tornam cada vez mais populares entre as grandes massas, especialmente, nos Estados Unidos e Inglaterra. Os temas abordados nesse tipo de literatura, a clareza da sua narrativa e a incansável busca pelo entretenimento e diversão são as bases do gênero. (HENRIQUE, p.15)

O Realismo trouxe uma grande mudança para a literatura. As características das obras desse período inauguraram uma forma muito diferente de contar histórias. Os autores passam a retratar os personagens humanos de forma menos idealizada, mais perto da realidade e do cotidiano do leitor, fazendo com que esse se identifique com os personagens. Ao fazer isso, o leitor se sente estimulado e deseja saber qual será o seu destino na trama.



Nos romances *best-sellers* podemos observar a presença de nomes completos, o que coloca o personagem como um indivíduo único. A história se passa em um tempo cronológico e um espaço bem definidos, onde muitas vezes os autores se utilizam de dados reais, como fatos da História da Humanidade, por exemplo, para contextualizar o leitor. A utilização de uma linguagem menos rebuscada e mais próxima daquela utilizada no nosso dia-a-dia facilita a compreensão do texto, fazendo com que ele se torne mais prazeroso. Porém, o uso dessa linguagem não está livre de críticas, principalmente aquelas que acusam a obra de ser mais pobre culturalmente.

O gênero *best-seller*, hoje, é considerado uma literatura de mercado, ou seja, que é feita para atingir um grande público leitor. As obras levam em conta a contemporaneidade do leitor, fazendo com que a duração da relevância de uma ou mais obras, ou mesmo do tema que elas abordam, seja menor. A publicação de livros desse gênero respeita a demanda do mercado, colocando nas prateleiras livros que tratam das temáticas mais consumidas pelos leitores naquele momento. Quando essa temática não mais agrada aos leitores, logo as obras sobre ela são substituídas por outras diferentes. Dessa forma, mesmo que o livro não tenha uma grande quantidade de exemplares vendidos, não quer dizer que ele não tenha sido escrito obedecendo as características listadas anteriormente.

É justamente essa relação íntima com o mercado que torna o gênero alvo de críticas. Os livros são escritos de forma a agradar o leitor, o que, muitas vezes, faz com que se preze mais pela quantidade do que pela qualidade. Entretanto, essa associação de interesses comerciais é fundamental quando se pretende transformar o enredo de um livro em uma produção audiovisual, um jogo ou em produtos que os leitores (e também muitas vezes espectadores) compreem. Para manter um público fiel, os autores apostam em “fórmulas”, como a repetição de um personagem adorado pelo público, ou até mesmo a reformulação da mesma história, em que se só se mudam nomes e lugares, mas o desenrolar da trama permanece quase o mesmo. Podemos citar aqui escritores como Nicholas Sparks, Dan Brown e Sidney Sheldon. Todos eles têm um grande número de vendas de seus livros, mas também apostam em padrões e fórmulas que deram certo anteriormente para os personagens e para o enredo, fazendo com que se tornem características próprias de sua escrita.

A transformação de uma obra literária em produtos de outras mídias é uma tendência: as pessoas esperam ver suas histórias favoritas retratadas em filmes e séries e consomem produtos relacionados a ela. As críticas não são poucas, tanto por parte dos



leitores que não gostaram das adaptações cinematográficas de seus livros preferidos, quanto de estudiosos do assunto, que acreditam que isso leva à desvalorização do livro. É fato que cultura contemporânea valoriza a imagem, principalmente a imagem em movimento, e isso contribui para a produção de obras do tipo. Mas é fato também que a venda de alguns livros *best-seller*, principalmente no Brasil, contrarie o senso comum de que os brasileiros não gostam de ler. Como este gênero em questão geralmente aborda temas relacionados à ficção e fantasia, temas muito diferentes dos utilizados pelas instituições de ensino, que preferem a literatura clássica, os livros *best-sellers* costumam ser vistos como uma leitura inferior em qualidade, independente de seu conteúdo e do que representam na vida das crianças e jovens que os leem. Como vimos, o *best-seller* não é necessariamente um texto sem conteúdo informacional válido, já que contextualiza o leitor e apresenta a ele novas realidades, ao mesmo tempo em que funciona como forma de lazer e entretenimento.

Conclusão

Como foi abordada neste trabalho, uma obra literária precisa de alguns critérios além do número de exemplares vendidos para ser considerado *best-seller*. O mercado editorial dá muito valor para as vendas, mas é possível observar algumas semelhanças entre os livros *best-sellers*, fazendo com que essa categoria seja similar a um gênero literário. Dentre as características, podemos destacar a construção dos personagens que, com o movimento literário Realismo, passou a ser menos idealizada e mais próxima do cotidiano do leitor. Também, com o propósito de aproximar o leitor da história, o autor usa fatos históricos, lugares, problemas e soluções iguais ou muito similares à realidade. Apesar de ter a qualidade questionada pelos críticos, sua linguagem é mais simples e condizente com o dia-a-dia dos leitores. Dessa forma, o *best-seller* atende às necessidades tanto do mercado editorial quanto dos leitores.

O intercâmbio entre cinema e literatura se mostra benéfico em vários aspectos. Primeiramente temos que considerar que a obra literária de sucesso pode ajudar no marketing dos filmes, supondo que os leitores irão ao cinema para apreciar a história contada de uma forma diferente. O contrário também acontece, e um exemplo de fácil observação é a nova prática adotada pelas editoras que consiste em reformular a capa do livro, colocando nela a imagem do pôster do filme, ou alguma fotografia que remeta à obra audiovisual. Tendo em vista que nossa cultura preza muito a imagem e valoriza o cinema, não podemos ignorar que algumas técnicas usadas para construir a história nos



filmes foram adaptadas para os livros. Dessa vez citamos o exemplo da utilização de diferentes “pontos de vista”, em que é possível que mais de um personagem conte a história de acordo com sua visão, dando ao leitor uma perspectiva um tanto privilegiada, já que ele sabe o que está acontecendo em vários pontos da trama.

A possibilidade de adaptar uma obra literária para o cinema não significa, necessariamente, que a obra perderá seu valor ou que o cinema tem menos qualidade por não ser totalmente original. Os dois meios são muito diferentes, cada um tendo suas possibilidades e limitações. É explorando esses pontos de divergência e semelhanças entre os dois meios que a obra filmica se torna diferente do livro, não necessariamente no roteiro, mas na forma de significação. Quando uma história é transportada de um meio para outro ela ganha um novo formato e possibilita ao leitor ou ao espectador (ou mesmo ao “construtor” da história, tendo em vista que muitas produções também se expandem para o mundo virtual em formato de games e sites interativos) atribuir novos sentidos ao que ele lê ou assiste.

Dessa forma, aliar o cinema e a literatura pode ser uma experiência benéfica ao mercado, já que a tendência é produzir algo que possa ser traduzido e ressignificado em diferentes meios. É vantajoso também ao leitor, que pode ter novas experiências para além da leitura do texto escrito. Trazer uma obra com características de best-seller para o mundo audiovisual pode gerar no leitor expectativa em relação ao filme. Essa expectativa pode ser correspondida ou gerar frustrações, já que abriu-se uma nova forma de dar significado à história. Se entendemos que a transposição de uma obra literária para outras mídias gera obras diferentes, carregadas de novos significados, vemos que é natural o consumidor de um produto acompanhar esse processo, dando os seus significados aos novos produtos.

Referências bibliográficas

CARDOSO, J. **Cinema e Literatura: Contrapontos Intersemióticos**. Revista Literatura em Debate, v. 5, n. 8, p. 1 a 15, 2011. Recebido para publicação em maio e aceito em 10 junho de 2011.

HENRIQUE, H. M. P. **Best-seller: a história de um gênero**. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, 2010.

OLIVEIRAS, M. L. A. **Literatura e Cinema: uma questão de ponto de vista**. Verbo de Minas: letras. p. 51 a 61. Juiz de Fora. 2006.

SANTIAGO, S. **Literatura e Cultura de Massa**. Reunião Anual SBPC. Novos Estudos. CEBRAP. n. 38, p. 89 a 98, 1994. Recebido para publicação em novembro de 1993.